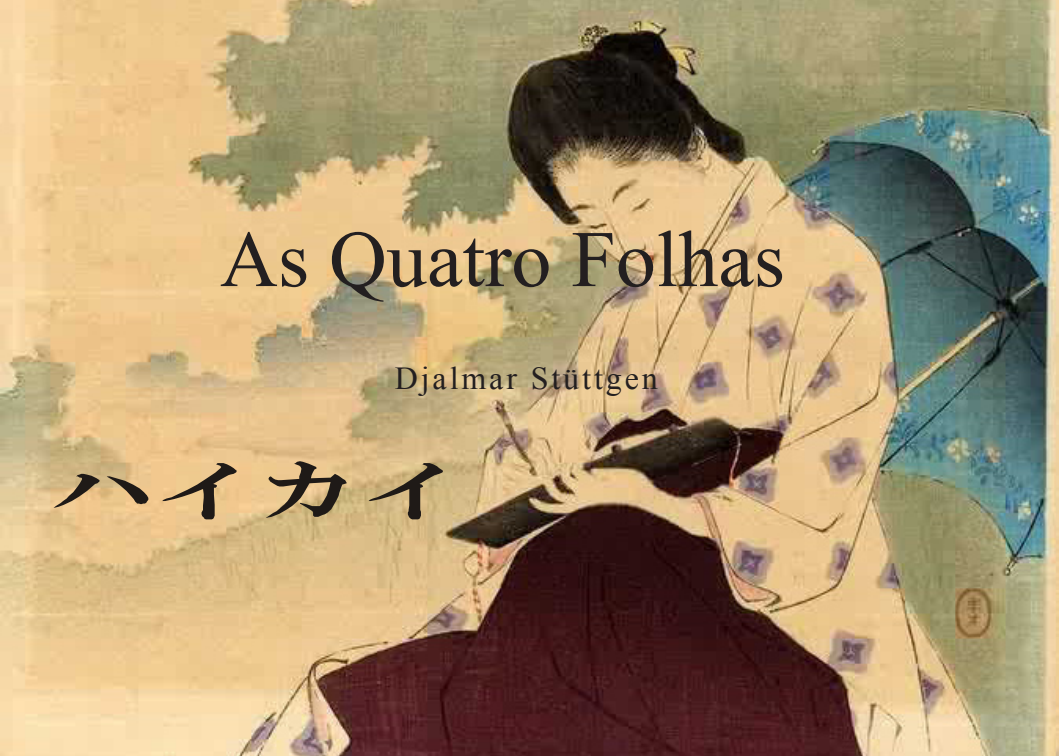


As Quatro Folhas

Djalmar Stüttgen

ハイカイ

Momentos no campo Mizuno Toshikata 1866-1908

Copyright © 2004 Djalmar Stüttgen

Lençóis
Espaçam
Azuis

A velha madeira
Do banco do jardim
Queima solitária

Paquetá
Bailam
Pedras

Chuva torrencial
As folhas brandas
Regam os uitis

Por cima por baixo
Confiscam morcegos
Frutos de oiti

Lança a pedra
Superfície em ondas
Avisa que bateu

Sol atuante
Sombrinhas coloridas
Passeiam nas mãos

Surfa a pedra
A superfície em ondas
Avisa que valeu



Densa neblina
São as luzes de bordo
Pedras preciosas



Calmo latido
Outros perguntam
O distante vale



Coroam o Fuji
Assim deitado
Colzas amarelas



Morcegos chegam
Milhão num só pé sapoti
Chegam ainda mais





Caminho
Latões de leite
O sol recente



Consumindo
Queimam por si
Gravetos secos



Atrás da pedra
Se protege
O verde limo



Sobre a rocha
Mostra o sapo
Corte ao céu



As Quatro Folhas

Margens de nuvens
Yyang Tse - Rio Amarelo
Entre



Faz as compras
Ali que tanto quer
A moça do caixa

Zap bezouro cai
Boa rede segura
Jantar da aranha

A cunha dos patos
Em frente curvam asas
Não olham para trás

Olha de lado
O besouro
Desconfiado

Será estrela
A flor de lótus
Olha o tempo

Pomo de cetim
Costura a noite
A cor marfim



A lona
Também recebe
Carícias do vento



Alto abaixo
Rasga filetes do mar
O lento primaveril



Alto e baixo
Rasga filetes no mar
A lua refletida



Vontade de chegar
A fumaça no campo
O capim molhado

Já enfeitiça
Pequenina bruxa
Boneca de pano

Pose de beija-flor
Só bico e rabicho
Grampo do varal

A densa neblina
Aumentam pela varanda
Os focinhos amigos

Matemática
Letra teta lia teta
Sinal do ser poeta

Denso frio
Abraça o fogo forte
As tábuas do chão

Fortes pingos
Nevoam batidas
Telhas vizinhas

Quando se tocam
Orihime e Kengyu
Tímidos sorrisos

Enleva acima
Tanzakus dos sassa dake
Chão esquecido

Nódoas do tronco
Marcas antigas
Depois não mais

Toca na grade
Mendiga na calçada
Do pássaro pego

Portal da escola
Símbolo pena e letra
Abandonados

Desde menino
Sou útil inda brincando
Grato meu sábio

Despreocupada
Passeia comigo
A moeda em prata



Posso esperar?
Vou pensar vou pensar
Ela responde



Pontuação
Estragam
Pensar



Barca chegando
Não consigo esperar
Pulo pro cais



Bater da chuva
Olhos nas mãos pousadas
Dela me lembro



Colhi da água
Cavalinho do mar
Morremos juntos



Lanço-me na água
Chuva grossa da praia
Olhos cheios dágua

Pés sobre areia
Areias de paquetá
Na água cintilam



Calor achegando
Beijo na boca
Benção da pecadora

Os vagalumes
Vamos namorar
Os sapos aceita juntá-los

Dançam voando
Alegres pirilampos
Faiscando luz

Focalizo além
Vagalumes acesos
Que baterias

Pula sobre mim
Cheia da boa lama
Grito ou beijo

Ao redor grilos
Voltam os problemas
Fossem só de antes

Rato no fogão
Fazendo arrumação
Mas que folgado

Novo naufrágio
Já presencio
Naquelas ondas curvas

Sábios egípcios
Fecundando
Vastas civilizações

Pedras da rua
Não as chutem
São terras do amanhã

Aratacas no ninho
Os olhos de tamarindos
Tão-somente

Não bata o pé
Por baixo tem mil vidas
E têm silêncio

Pesquei no nilo
Hieroglífos
Que saborosas

As Quatro Folhas

Hieróglifos
Hieroglífos
Mistério egípcio

Lânguida deita
Mostra dez tetinhas
Correm doze

Quando conheci
Toda meiguice
Depois realidade

Rebola morde
Pula quando chego
Ah essas fêmeas

Escolhe muito
Fila no portão
Acaba solteirona

É com chicote
Que se distorce
Pepinos crescidos

Olhos nos olhos
Quanta dedicação
Ponto de paixão

Quantos amigos
Lá já se foram hapts
Fica pra sempre tá

Cães esquecidos
De dor aguda no peito
Morrem amigos

Qual delas casar
Precisei ajuda
A demônia decidiu

Coberta cinza
Desperta o orvalho branco
O cheiro do mato

Sentenciei a juíza
Tens de me amar
Peno até hoje

Na cava do tronco
A distante mariposa
Deixa-lhe a seda

As Quatro Folhas

A forte seda

Talha a pedra
Nome e sobrenome
Falta-lhe a data

Geme manhosa
Querendo entrar
Poltrona verificar

Tomar o café
Na casa da vizinha
Aprendi fazer

Planta trata
Colhe pila ferve côa
Café só dela

Assim gritava
Respeitável público
Coisa de palhaço

Tudo palpita
Tudo sabia
Corrigindo deuses

Sempre julga
Cada passo
Que dá

Por quê cinzas
Sempre mergulhei no mar
Corpo e alma

Dorme na casinha
Preciso companhia
Vou acordá-la

Bela cidade
Do chão passasses
Chegaria a adjetos

Varro o quintal
Capricha direitinho
Assim conquistou

Maldito zíper
Do pijama infantil
Criva-bingulin

Varrido chão
Cai a primeira
Flor roxa do ipê

Mata e mata
Seguem bandeirantes
Trilha de santos

A face de buda
Que troça comigo
Fica sorriso

Igual ao quadro
Preciso entender
O teu sorriso

Um punho de penas
No portão do cercado
Coruja-do-mato

Coruja pousa
Baixo trêmulo canto
Coruja-do-campo

Coruja se ergue
Suave se lança
O dia clareia

Esguia e altiva
Enfeita-se a palmeira
Fruto do açaí

Vagueiam no cais
Mortos olhos de cardumes
A procura do mar

A verde palmeira
Oferece as visitas
Vermelhos açaís

Tempo feio
É incompreendido
Ou não sabe o que diz

Cabelos brancos
Respeitai disseram
E alvos bandidos?

Bons sapatos
Melhor ter sucesso
Boas pernas

Discretos amigos
Você aqui eles ali
Cordiais animais

Passa as compras
Passa o troco
Passa-me correta

Podridão ratos
Ladrões horror de lugar
Lá iremos pousar

A minhoca espia
Rápido sol do dia
Lua é mais amiga

Sê cuidado
Enxada do campo
Vida na terra

Caixão ornado
Coisa mais inútil
Guarda podridão

Caixão bem simples
Quanto desperdício
Réstia de orgulho

Fiéis ombro a ombro
Quintal e cemitério
Enxada do campo

Música de wagner
Filigranas de ouro
Lapidam os metais

Rua de saibro
Mortiça luz trigueira
Pára os passos

Pitbull late
Dentro da casinha
A chuva fria

Palmeiras do açaí
Eram quatro agora duas
O vento sudoeste

Torna-se bruxa
Amando mais do que foi
A boneca de pano

As Quatro Folhas

Diário da bruxa
Escrita desde pequena
Boneca de pano

Bruxa sonhada
Encontro combinado
Iguarias

Vem neste trem
Rápido agita os braços
Para ela só o ver

Salta na estação
Rápido abre os braços
Pura sedução

Joga o pescador
Isca anzol e linha
O mais possível

Contrato
Aberração
Escrita

Arreio
Cabresto
Amigo

Janela marfim
Dono esquecida
Balança o vidro

Goteja tinta
A pipa fugidia
O monte fuji

Gelo do fuji
O sol esquenta
A água do chá

Recolhe os remos
Ajeita no casco
Gotas do mar

Aperto de mão
Leviano
É leviano

Civilizados
De um e do outro
O arame farpado

O sapo por baixo
O pássaro por cima
Eu no fio farpado

Ah estrada de barro
Sempre a mesma aventura
Pular a cerca

O sol poente
A luz alcança
Ela sabe ele

Deito ao luar
Atento inicio
O eclipse lunar

Então você acha
Que estou maluca
Pode ser que sim

Desfruta o ócio
Pequena mansão
O estendido cão

Prende a menina
Contra o avental
A cúmplice bruxa

Mostra a menina
Misturas do caldeirão
E a bruxa no avental

Sê simples
Incluso
No simples

A lua crescente
Avó lhe dizia
A unha da bruxa

Subida da serra
Passam mais devagar
Buquês de ipês

Contorna a serra
E passam devagar
Buquês de ipês

As quinas de muros
Juntam-se em grupos
Criando peçonhas

Fita íris do céu
Laranja verde lilás
Corta o pássaro

Fita íris no céu
Laranja verde lilás
Lava jato

Tormenta
Brinca o navio
Espalhando água

Avisa a ilha
Não necessita o nome
Manter distância

Faina
A onda na proa
Varre o convés

Tempestade
Parece que nada
O petroleiro

Equipagem branca
Apontam as gaivotas
Rumo a tomar

Trigo amarelo
A foice no campo
O inverno brilha

Fim do inverno
Ressoa na muralha
A onda dominante

Telhas partidas
Reproduz o teto
Cenas tingidas

Roda o grumete
Procurando convés
Lição temporal

Do outro lado
Os pés de kyomi
Sentem frio

Macia enrosca
V dos seios
Felpudo nó

Águia
Pinça o peixe
A gota da folha

Boceja o cão
Fastio
Outros imitam

Levam consigo
Lembranças do caminho
Os carrapichos

Qual um míope
Tenta ler Issa
O besourinho

Entrada de circo
O bilheteiro
Rasga o bilhete

Hoje tem abiu
Amarelo e verde
Gosto de beijo

Encaracolado
Também subo o fuji
Pequeno buda

a Shiki

Ah maravilha
O receber rindo
Buddha descalço

Três três vezes
Insiste o besouro
Testar o vidro

Teia de aranha
Prende com sua rede
A bola mundo

Lento inverno
Amigos não chegam
Sirvo o chá

Longe galo
Vai ver o dia
Chegou por lá

Glauco aprendi
Verde claro azulado
Nome do mar

Sem fazer nada
Pega o dicionário
Lê cautela

As Quatro Folhas

Pacífico
Nome
Domar

Dorme a manhã
Boca kikinha
Cheiro sapoti

Boca kikinha
Dorme a manhã
Cheiro sapoti



Varre o quintal
Será que também faz
Haikai



Ah fartura
Sem me conhecer diz
Bom dia



Barco
Praia
Bom dia bom dia

Varre o quintal
Com certeza faz
Haicai

Varre o quintal
Aqui também se faz
Haicai



Sacuda o pé
Não não precisa
Cai sozinho



Aninha o Fuji
Coruja branca
Sacode o corpo



De uma criança
Rouba o tempo
A sopa quente



Manhã
Outra vez
O pio longo

Manhã
Outra vez
O bosque longo

Água de rosas
Sofisticado
O beija-flor

Rouba o tempo
Das crianças
As mensalidades

Ah caminhante
Se eu pular
Fico famoso

As Quatro Folhas

Darwin
Shakespeare
Bóias da inglaterra

Rua de saibro
Mortiça luz trigueira
Paro os passos



Espera
O lápis
Al dente



Silêncio do brejo
Das conversas de sapos
Altos coaxos

Resvala o sol
Ouro amarelo branco
Caminho de saibro

Aposentada ao sol
A folha estendida
Verso caída

Olhar da ponte
Para baixo o tenta
Levar a corrente

As Quatro Folhas

Sebo
Encontra budha
Livre de poeiras

Oh encaracolado
Também subo o fuji
Mais devagar

As Quatro Folhas

Propagandistas
Os deuses mandam
Um dia lindo

Como pretendia
Chora a menina
Comedida

A minha frente
Primavera japonesa
Triângulo fuji

Chega primeiro
Buquês de cores
Moço encontro

Sabiá quer casar
Logo encontrará
A lua de paquetá

Gigantes borboletas
Folhas a noite
Bananeiras

Curvinha do seio
Obra de mestre
Quisera ser o mestre

Reflete a lua
Sol aquece e passa
A lua só transpassa

Bananeiras
Primeiro o coração
Depois as bananas

Cabeça de nenê
Só pensa
Papinha

Manhã se abre
Na cor do lago
Vou pescar

Entra vento
Nas cabeças alinhadas
Luzes da estrada

Raios de sol
Baratas tontas
Tampa de esgoto

Vizinhos
Batem pênaltis
No meu vidro

Por pipocas
Lutam entre si
Pombinhas da paz

O rio das velhas
Brigam os urubus
Por uma tripa

Abre aspas
Pestanas perigosas
Fecha aspas

Sino
Monge pára
Mosquito passa

Chucrute
Lá em casa
É al dente

Buquê de flores
Letras colocadas
Laço arrumado

Ida e volta
Como ter certeza
Bilhete do metrô

O doce alecrim
Encharcado seca
E a chuva não cessa

Quadriculada
Transparece a vidro
A vista da baía

Esplêndidas
No cacho de açaí
As três marias

As Quatro Folhas

Feira do livro
Por que o país está assim
Talvez aqui saibam

Pedras do rio
Parecem que se movem
Assim por cima

A cor da manhã
Não se decide
Fico deitado

Achei o título
Descansa o lápis
Bem travesseiro

Sem dúvida
Que lhe faça espécie
Some a libélula

Aquele menino
Que dobra a esquina
E vê a praia

Desse lado
O monte fuji
Começa por aqui

Esquecendo tudo
Viver só de paquetá
Pulo pro cais

Assim assim
Azul branca preta
Borboleta

Noite de frio
Arranham a porta
Os amigos

O mar
Dentro do coco
Paquetá

Som de paquetá
Escreve na lápide
Sons de paquetá

Sem dúvida
Que lhe faça espécie
Some a caneta

O coco
Dentro de um pouco
Paquetá

A foto da moça
Do outro lado
Não lembra a data

Dúvida
Aquece a maçaneta
Porta da casa

Bom dia
Saem das casquinhas
Miudinhas de ipê

Evolução
Protege o homem
Peludo cão

Lenço de seda
Aquece ao ouvir
Coisas do vento

Lápis de cor
Sentada à frente
Primeiro amor

Que conceito faz
Se todos os seres
Brincam iguais

Tempestade
Abraça com vontade
Lençóis do varal

Ontem o vento
Caíram as folhas
De tão contentes

Coisa divina
Estar em casa
Viuvinha

Urso se espanta
Das abelhinhas
Querer tanto mel

Um mar de montanhas
Orgulho maneira
Uai

Um beijo
A queimadura
Vira borboleta

Confuso céu
Dois três quatro
Quantos patos

Passa a mão
Deixa seu cheiro
Sobre a mesa

Antigamente
Era antiga mente agora
Mais pra frente

Leve vazio
Passa a oriental
Meio aos livros

Vende-se terras
Em lotes saqueadas
Aproveita

Chove nas folhas
Que agora fazem falta
Barulho de sapos

Meus poemas
São inéditos
Nunca os li

Meus inéditos
São de prosa
Nunca os li

Sorteio
Deposite aqui
Suas economias

Escrever-te
Não tenho poema
Fostes justa

Por que gritar
Se todos os ovos
São iguais

Tempos outros
Ansiosos esperam
Abrir e-mail

Aonde nasce a lua
Ali
A minha também

Fogos de artifícios
Mostra para que vieram
Ó vasto espaço

Manhã vernal
Depois da abelha
Tomarei o chá

Pérolas aos porcos
Melhor tolo provérbio
Que aos porcarias

Hipódromo
Uma cabeça vale
Mais que todas

Teatro da vida
Muita fala
Poucos atos

Reli o livro
Que te emprestei
Cheiro patchouli

Rocha próxima
Faz parte da ilha
Ou é como tu

O cônico problema
Do monte fuji
Deixo em branco

Tumba ataúde
Êta nominhos feios
Estragam qualquer viagem

Branca nuvem
A deusa fuchi
Junto a buda

Porta
Adiantado
O coração

Escrita risca
Ranha poetisa ferida
Pena enferma

Aniversário
Que vida estenda
Duração do sol

As Quatro Folhas

Adoro fotos
Antigas originais
Sem silicone

É apropriada
Pisa reza e mora
Terra roubada

Escrever-te
Não tenho pressa
Fostes justa

Ah passarinheiro
Quitutes de bondade
Sabor da jaula

Tudo aparece
Assim mais perto
Sem reflexo

Cada noite
Sonha o vira lata
Assobio do dono

Neste momento
O cão de rua sente
Passos do dono

O caco de telha
Escreve ao chão
Aproveita

Inda as águas
Batem nas pedras
Paquetá

Cão de rua
Cada vez mais esquece
Passos do dono

Fina haste
Borboletas
Namoram

Concisos haikai
Com cinco sete cinco
É mais preciso?





Varrem quintais
Será que ninguém
Lê meus haicais



As Quatro Folhas

Ukiyo e

Ukiyo e ou "o mundo flutuante", é um estilo de pintura da arte japonesa criado por Hishikawa Maranobu no século 17. Seus pintores procuravam captar fatos e costumes do cotidiano da população. Estas pinturas impressas sobre madeira, vem influenciar, e muito, se não decisiva, o que convencionou-se chamar de Impressionistas no século 19, sendo Manet, Monet, Van Gogh, T. Lautrec, apreciadores e colecionadores destas gravuras.

A esta forma de representação da vida pensa o autor dedicar este livro.

Considerações

É fama que no Japão alguem se abaixa em atitude de apanhar uma pedra para atirá-la a um cão, não se pôe o animal a correr como sucede na Europa, porque o cão não recebeu naquele país nenhuma pedrada, e, portanto, desconhece o intento que supôe o ato de colher uma pedra. O espírito de ternura, solicitude e carinho pelos animais, caracteriza singularmente o povo japonês e manifesta indiretamente nas relações com seus semelhantes, resultando disto, que os crimes cometidos anualmente no Império do Sol nascente, são em numero UMA INSIGNIFICANTE FRAÇÃO DOS QUE SE PRATICAM NOS ESTADOS UNIDOS.

Na Índia, onde o modo de tratar os animais, envergonharia as nações europeas de tão decantada civilização e poderio, na Índia, a estatística para um povo de 300 milhões de habitantes, e quarta parte...

Página transcrita do livro Regras Para o Viajor, Ralph Waldo Trine, tradução portuguesa de Braulio Prego, terceira edição, Empresa Editora "O Pensamento", São Paulo, Brasil, 1941. Transcrição ipsis litteris.

As Quatro Folhas



dh_stuttgen@yahoo.com.br
A Editora

2ª

AS FOLHAS BRANCAS

A **Bruxa-Zen** fez a gata ter coelhinhos. Como a gata pode ter coelhinhos?, pergunta-lhe a menina **Chin**. São gatinhos, respondeu-lhe **Bruxa-Zen**. Como posso saber que são gatinhos?, pergunta-lhe novamente a menina **Chin**. Olhe por baixo da pele, e verás que são gatinhos.

O **Burro-Che'n**, da província de **Sun**, falou ao cego viajante da vizinha província **Lu**; Segura no meu rabo que eu te conduzo. Poderia montá-lo?, perguntou-lhe **Cego-de-Lu**. Responde-lhe **Burro-Che'n**: Não, pois você assim não aprende o caminho.

As Quatro Folhas

Cair é morrer



Todos
Menos eu
Vou pescar

O vizinho **Lai**, aborreceu o vizinho **Tu**. Respondeu-lhe o vizinho **Tu** com súbita afronta. Venceu o primeiro.

A mentira é a porta do infortúnio.

A fome é a lucidez da carência. A raiz profunda, silenciosa.

Salpica de gelo a neve o sábio andarilho.

Foi o banco do jardim ou a falta dela que me resfriou?

Triste a flor guardada

Povos que conhecessem o mar não seriam tão duros

Bate o barco
O outro vazio
Som oco

Idiotas se anulam:
Com o tolo
Não se faz silêncio.

Se fores
Não se parecem
Flores?

Ao braço
Apoiastes
Sofisticada

Juntam aos céus criando pássaros

O **Burro-Chen** de dia chorava e de noite frustrava.
Falou-lhe assim **Luz-Perfeita**.
Deixe-me ir conduzi-lo.
Para quê, se tenho quatro patas? respondeu-lhe sobriamente o **Burro-Chen**.
Perguntou-lhe **Luz-Perfeita**.
Conheces o Diálogo-do-Céu?
Não.
É assim – **Luz-Perfeita**
...
Lá tem quatro.
Não Pestanejar
Não Balbuciar
Não Afrontar
Não Dividir

Entardece
Tarde tarde
Lago de carpas

Para o cão, seu osso, é o ócio.

Vinham correndo três meninas chinesas **Win**, **Han** e **Lin** e três meninas japonesas **Saito**, **Sumi** e **Mioto** que ao se encontrarem abraçavam-se e diziam entre si – “Estamos perto.”.

As Quatro Folhas

Poemas
Semelhantes ondas
Outras não

Nas portas e janelas **Hun-Tse** batia e dizia vazio – “Deixe o Sol entrar, para que a noite seja só sua.”.

Na **Luz-Prateada** as crianças da **Praça-Pequena** em coro, diziam alto – “ Nunca mais se tem o instante que começa agora.”.

Como pode ser
Caminha para o leste
O sol poente

Casa Terminada

Um dia, afinal, fica terminada a casa, caíram as paredes, voaram os assoalhos. Ah! Não é isto felicidade?

Para Chin Schengt'an, *Câmara Ocidental*.

Manhã-de-Sol, deixava olhar para o horizonte e pensava.
“Puxa, quem será que existe ali?”
O Sol desceu.

A farinha se dizia pura

Do anel pende a âncora. Tuuu.

Restaurante
Música-dos-deuses
Índico

Só
Meia-entrada
O circo ri

Pergunta-lhe novamente o **Conto** ao **Desafio**:
Porquê me olhas tão incisivo?
Porque assim, disfarças melhor, responde-lhe de novo o **Desafio**.

Há três mundos. O feito, o perfeito e o prefeito.

Wun-Tsu queria ser imperador; como deveria atravessar o rio sem margens, desistiu.

A chuva forte
Por cima das cabeças
Os raios de luz

O vento húmido
As florestas mudam
Vale de Wei

A Pedra

Chu-lai, caminhava na beira do penhasco, viu uma pedra e foi apanhá-la. Chegou lá em baixo.

Wen-Tzu saboreava o queijo quando **Wu Su**, a deusa, apareceu-lhe e disse-lhe – " Este queijo foi feito com o meu leite.". **Wen-Tzu** foi feliz.

Wu Su, a deusa, disse – “O meu corpo foi feito com o meu leite.”. **Wen-Tzu** foi novamente feliz.

Quando menina **Yan Tse**, disse “Que são essas mãos para cima?”. O **Mestre Zen** disse: “São pássaros.”

Wen Su subiu ao **Morro Das Predições** não sentiu nada e voltou feliz.

Águas folgadas
Monges do yantsu
Mãos e doutrina

A colheita do traço e o avental

Quando o homem deve ser humilde? perguntou **Faz de Conta**. Nunca!, responde-lhe **Deixa de Ser Burro**. E quando o homem é realmente pobre? Jamais, responde-lhe a **Briza**.

Biblioteca Nacional Reg. Nº : 323.242
Liv. : 591 Fol.: 402

A arte não é brincadeira para crianças.